



**CONGRESO
IBEROAMERICANO**
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**CONGRESSO
IBERO-AMERICANO**
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRO 2014

A formação do docente da área de Letras por meio das TIC: uma abordagem freireana

MARTINS, V. B.

A formação do docente da área de Letras por meio das TIC: uma abordagem freireana

Profa. Dra. Valéria Bussola Martins

Universidade Presbiteriana Mackenzie

valeria.martins@mackenzie.br

RESUMO: A formação docente vem à tona com uma frequência cada vez maior na medida em que diminui, pelo menos no Brasil, o número de jovens que escolhem exercer sua atividade profissional na área da educação. Ademais, no início da formação, o graduando, muitas vezes, é desestimulado já que muitos professores que atuam na Educação Básica brasileira não encorajam os estagiários a entrar na profissão. Entretanto, uma formação pautada na plena união entre docente formador e futuro professor é essencial. Foi a partir desse desanimador contexto educacional brasileiro que surgiu a prática geradora desta pesquisa que objetiva refletir sobre o papel do estágio curricular supervisionado na formação do profissional da área de Letras. Sendo fruto de uma experiência profissional voltada para a formação docente, este trabalho busca, também, oferecer aos professores da Licenciatura em Letras uma alternativa mais atraente e significativa de acompanhamento para o Estágio Curricular Supervisionado. Para tanto, é descrita a experiência de se acompanhar os estágios por meio de uma rede social: o Facebook, que permitiu que os alunos expressassem-se de uma forma muito mais dinâmica, coletiva e natural, pois esta é, hoje, a linguagem do atual formando. Por fim, pondera-se sobre a necessidade de se repensar os cursos de formação dos docentes de Língua Portuguesa, de se alterar os objetivos e a forma de execução dos estágios supervisionados e a importância da constante atualização também dos professores que formam outros docentes.

Palavras-chave: Formação docente; Letras; Estágio Curricular Supervisionado; rede social.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, no ambiente acadêmico, discute-se cada vez mais a formação de professores no Brasil, na medida em que diminui o número de profissionais que escolhem trabalhar na área da educação. Baixos salários, péssimas condições de trabalho, jornada semanal exaustiva, baixa estima social, indisciplina e violência por parte dos alunos. Todos esses fatores têm contribuído para que o número de discentes nos cursos de Licenciatura diminua.

Além disso, é comum ouvir relatos de que, de forma geral, o universo da educação formal encontra-se distante da realidade midiática e tecnológica dos alunos que, hoje, estão conectados muitas horas à internet. Tal fato distancia docentes de discentes, tirando a atenção dos estudantes das aulas, frequentemente apenas expositivas, em que predominam maçantes conteúdos programáticos e que desestimulam os jovens a optarem pela profissão docente (SAVIANI, 2011).

Tal situação piora quando se analisa o universo da área de Letras. É grande, inclusive, o número de pessoas que se espantam quando um jovem afirma que escolhera cursar a graduação em Letras, para tornar-se, futuramente, um professor de Língua Portuguesa ou de Língua Estrangeira, sendo que, na maioria das vezes, logo surge uma pergunta e uma afirmação. Questiona-se o porquê da escolha e atesta-se que os profissionais dessa área sempre são mal remunerados e passam dificuldades financeiras ao longo de toda a vida.

Depois de cursados alguns semestres da graduação em Letras, a situação de falta de estímulo pode agravar-se. O graduando é obrigado a fazer o estágio curricular supervisionado para receber, ao final do curso, a habilitação para ministrar aulas. O Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução CNE/CP nº 01, de 18 de fevereiro de 2002, no §3º do Art. 13, estabelece que: esse estágio deve se realizar em escola de Educação Básica; um regime de colaboração entre os sistemas de ensino deve ocorrer e todo o processo deve ser avaliado conjuntamente pela instituição superior formadora e pela escola na qual se concretiza o estágio.

Entretanto, além do parco diálogo entre as instituições envolvidas – elo quase inexistente que, com certeza, ajudaria no aprimoramento da formação dos alunos – observa-se, por meio das discussões que ocorrem em sala de aula e por meio dos relatórios de estágio produzidos pelos discentes do Curso de Letras que descrevem as experiências vivenciadas ao longo de todo o processo, que há, com certa frequência, uma incoerência entre o que defendem os docentes formadores e o que os futuros professores veem nas salas de aula do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

Evidentemente, há de se modalizar a afirmativa, porém, não se discute que os discentes deparam-se, por exemplo, muito mais com manifestações negativas da prática docente do que positivas. Ademais, mais uma vez, o educando é estimulado a mudar de área na medida em que a grande maioria dos professores que hoje atuam na Educação Básica desestimulam os estagiários a entrar na profissão.

Os docentes da rede pública, costumeiramente, reclamam dos baixos salários, da indisciplina discente e da péssima infraestrutura escolar. Já os da rede particular de ensino, por sua vez, afirmam, frequentemente, que a carga de trabalho extraclasse é excessiva e que a supervisão da coordenação e da direção da escola é inflexível.

Foi a partir desse precário e desestimulante contexto educacional brasileiro de formação de professores que surgiu a ideia geradora desta pesquisa. Este trabalho objetiva refletir sobre o papel do Estágio Curricular Supervisionado na formação do profissional da área de Letras com a finalidade de se avaliar a prática de supervisão atual e propor uma nova forma de acompanhamento desse processo.

Propõe-se, dessa forma, averiguar como o estágio transcorre, como ele é orientado pelos professores nas instituições formadoras e nas instituições da Educação Básica, como ele interfere na formação do futuro professor e se ele pode fazer germinar nos graduandos o gosto pela profissão docente. Sendo fruto de uma experiência profissional voltada para a formação docente, este artigo busca, também, oferecer aos professores da Licenciatura em Letras uma alternativa mais atraente e significativa de acompanhamento para os estágios. É nesse momento que surge a rede social Facebook, ferramenta digital que foi utilizada para a concretização da proposta estudada nesta pesquisa.

Em um mundo em que os artefatos tecnológicos invadem a vida da maioria das pessoas, alteram a comunicação das informações e criam novos espaços de conhecimento, as redes sociais podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, na medida em que, frequentemente, dinamizam trocas de experiências entre professores e alunos e entre os próprios alunos (PEÑA; ALLEGRETTI, 2012). A relação dos indivíduos com o saber mudou com as Tecnologias da Informação e da Comunicação da mesma forma que as tecnologias também transformaram algumas funções cognitivas do ser humano.

É evidente que a aprendizagem dá-se por meio das habilidades cognitivas do ser humano, não por meio, unicamente, da tecnologia. Entretanto, uma ferramenta tecnológica bem utilizada, sem sombra de dúvida, pode favorecer e enriquecer o processo de aprendizado (FREIRE, 2011).

Para contemplar o presente problema, que objetiva investigar o papel do Estágio Curricular Supervisionado na formação dos professores de Língua Portuguesa, tomou-se como *corpus* de análise relatórios de estágio de duas instituições privadas de Ensino Superior da cidade de São Paulo e utilizou-se, primordialmente, como referencial teórico, os pensamentos de Freire (1996, 2005, 2008, 2011); Peña e Masini (2010); Peña e Allegretti (2012); Sacristán (1998) e Saviani (2011).

2 O ACOMPANHAMENTO DOS ESTÁGIOS CURRICULARES SUPERVISIONADOS POR MEIO DO FACEBOOK: RELATO DE EXPERIÊNCIA

2.1 O SURGIMENTO DA PROPOSTA

Depois de fazer leituras atentas de relatórios de estágios por dois anos, a professora e pesquisadora deste trabalho chegou a algumas constatações ao perceber que “embora, legalmente, ou em termos de discurso, o estágio curricular seja apresentado como elemento de integração entre teoria e prática, na realidade ele continua sendo um mecanismo de ajuste que busca solucionar ou acobertar a defasagem entre elementos teóricos e práticos” (ALVES, 2011, p. 68) estudados ao longo da graduação.

Em primeiro lugar, ficou evidente que muitos alunos sentiam-se desmotivados pelo fato de seus relatórios de estágio serem lidos, basicamente, por apenas uma pessoa: a professora que ministrava a disciplina ligada ao Estágio Curricular Supervisionado. É evidente que a docente poderia solicitar que houvesse uma troca de relatórios entre os colegas, todavia, levando-se em consideração a quantidade média de alunos por turma, 30 graduandos, tal prática tornava-se difícil.

Em segundo lugar, muitos alunos diziam que seria muito rica a experiência de compartilhar algumas experiências do estágio que poderiam ser gravadas por meio de vídeos em celulares. O relatório de estágio em papel não possibilitaria tal prática. Alguns vídeos poderiam ser exibidos nas aulas, mas a exibição de todos os vídeos seria improvável.

Em terceiro lugar, em uma das instituições de Ensino Superior, que ofereceu os relatórios de estágio para a concretização desta pesquisa, também não era permitida a inserção de fotos nos relatórios de estágio para que os documentos não ficassem pesados e fosse possível a gravação de todos os relatórios de estágio de uma mesma turma em um único CD. Obviamente, eram muitas as situações que os estagiários gostariam de fotografar, como ensaios, brincadeiras, gincanas, apresentações teatrais. Mais uma vez, o relatório impresso limitava o relato das aulas assistidas.

Por fim, durante as aulas, sempre surgiam momentos em que os alunos queriam dividir com os outros graduandos, em função da dificuldade de se conseguir o estágio, dicas de escolas que recebiam bem os estagiários ou que ainda tinham vagas. Muitos mandavam para os e-mails dos colegas de sala tais informações ou postavam as dicas em suas páginas pessoais no Facebook.

Além disso, vários alunos que cumpriam o Estágio Curricular Supervisionado e que, predominantemente, chegavam aos bancos universitários profundamente desmotivados com o que viam nas salas de aula de Educação Básica, passaram, também, a postar informações sobre as escolas ou situações que vivenciaram em sala de aula, na página pessoal do Facebook da própria pesquisadora deste trabalho, sendo que não eram só postagens pessimistas ou que só reclamavam de determinadas práticas docentes. Também surgiram elogios às aulas assistidas nos bancos universitários.

Na página pessoal da pesquisadora, também começaram a ser recorrentes relatos de dificuldades seguidas de descrições apaixonadas pelo curso de Letras. Embora o estágio frequentemente desestimule os alunos a abandonarem o curso pelas inúmeras dificuldades encontradas durante a execução do estágio, eles tinham estímulos nos bancos universitários, mais especificamente nas aulas das disciplinas pedagógicas.

Os futuros professores também postavam na página pessoal da professora exemplos de escolas com boas práticas pedagógicas. Ademais, eles passaram a divulgar, também por meio da página pessoal da professora, dicas de escolas públicas e privadas que aceitavam os estagiários sem restrições inexplicáveis.

E, por fim, começou a aumentar dia a dia o número de mensagens *inbox* sobre dúvidas gerais sobre os estágios, sobre o Termo de Compromisso de Estágio, documento que oficializa o início do estágio, e sobre a assinatura da Ficha de estágio que acabavam surgindo apenas depois da ida do estagiário à escola e depois do primeiro contato com funcionários de escola e com os diretores ou vice-diretores.

Foi a partir desse momento que surgiu a ideia de criar um mecanismo coletivo para facilitar a troca de informações entre os estagiários; para propiciar discussões; para permitir desabafos e questionamentos; para dividir boas e más experiências pedagógicas vivenciadas ao longo do cumprimento do Estágio Curricular Supervisionado:

Para que os cidadãos possam assumir o papel de atores críticos, situados, têm de desenvolver a grande competência da compreensão que assenta na capacidade de escutar, de observar e de pensar, mas também na capacidade de utilizar as várias linguagens que permitem ao ser humano estabelecer com os outros e com o mundo mecanismos de interação e de intercompreensão (ALARCÃO, 2010, p. 25).

Surgiu, assim, a ideia de usar o Facebook como instrumento metodológico de troca de informações e de vivências. Para tanto, a pesquisadora deste trabalho criou um perfil específico para esse fim. O próximo item descreve todo o processo de criação da página, de gerenciamento da ferramenta e de utilização do recurso por parte dos licenciandos.

2.2 A PROPOSTA

No dia 06 de agosto de 2012, foi criado um perfil no Facebook específico para acompanhar os relatos dos graduandos que tinham de cumprir o Estágio Curricular Supervisionado em escolas públicas ou privadas de Educação Básica.

O mais revelador da experiência foi que, logo de início, um número grande de alunos passou a enviar postagens para o perfil ora com dúvidas, ora com sugestões de escolas; ora com pedidos de ajuda para conseguir vaga em alguma escola, ora para contar alguma experiência vivenciada nas instituições de Educação Básica.

Como a página foi criada quando o semestre letivo começou, inicialmente, surgiram muitas postagens que tratavam da dificuldade de se conseguir uma vaga nas escolas. Um exemplo, que pode ser aqui expresso, envolve o *post* de uma aluna no qual ela narra que não conseguiu vaga depois de já ter se dirigido a quatro escolas. A primeira instituição, contrariando o que foi instituído nos documentos legais que tratam do Estágio Curricular Supervisionado, simplesmente decidiu não aceitar estagiários por um semestre. A segunda escola negou-se a assinar o Termo de Compromisso de Estágio que também é uma obrigatoriedade legal, determinada pela lei nº. 11.788/08. A quarta escola afirmara que todas as vagas estavam preenchidas, mas a situação mais delicada envolveu a terceira escola cuja gestora explicara à estagiária que não a aceitaria porque a instituição de Ensino Superior na qual a graduanda estuda não paga nenhuma quantia financeira àquela escola para que os universitários tenham vaga naquela instituição.

Quando informada sobre tal grave ocorrência, a docente, que ministra a disciplina que está vinculada ao Estágio Curricular Supervisionado, procurou o setor responsável pelos estágios dos graduandos para que alguém entrasse em contato com a escola que recusara a aluna por falta de pagamento pela vaga. A ligação, entretanto, foi feita pela própria docente responsável pela orientação do estágio na universidade e, curiosamente, quando esta ligou para a escola, recebeu a informação de que ainda havia vagas, sim, naquela instituição. O mais lamentável é que isso ocorre com frequência e o estagiário universitário passa por uma pessoa que falta com a verdade.

Outro problema também relatado com frequência envolve o fato dos diretores aceitarem estagiários, mas os professores não. Embora, em um primeiro momento, o discurso dos alunos seja marcado por um tom um pouco agressivo, ele só retratava as várias negativas de professores que os graduandos recebiam ao longo dos semestres em que tinham de cumprir o Estágio Curricular Supervisionado. Infelizmente, a maior parte dos professores sente-se muito incomodada com a presença de um estagiário. Entretanto, se a aula é bem preparada, se o docente cumpre a sua parte como educador, não há o que temer.

Mais uma questão que merece atenção envolve o fato de muitas instituições serem extremamente desorganizadas. Quando os universitários as procuram para

conseguirem as vagas, não são atendidos de forma adequada, respeitosa e satisfatória.

Os relatos no Facebook demonstraram que os estagiários chegam à instituição em que gostariam de fazer estágio e nela, rotineiramente, são mal orientados em relação a com quem devem falar e para onde devem ir. Andam de sala em sala, de prédio em prédio e são obrigados a ficar esperando por muito tempo. Ademais, além de muitos gestores não oferecerem vagas como deveriam, desrespeitando o processo de formação de novos professores, é comum os licenciandos terem grande dificuldade para encontrar os diretores nas escolas que administram.

Também foi frequente a postagem de relatos de diretores que queriam uma carta de recomendação da faculdade antes de aceitarem os estagiários, sendo o Termo de Compromisso de Estágio a única obrigatoriedade legal que o estagiário teria de apresentar aos gestores.

É relevante comentar, ainda, que uma das instituições de Ensino Superior que ofereceu os relatórios de estágio para análise envia uma carta às escolas de Educação Básica antes do semestre começar com o nome de todos os seus alunos que gostariam de fazer estágio naquela determinada escola. Esse procedimento já funcionaria como uma carta de apresentação, mas, mesmo assim, inúmeros diretores pedem outro documento. Se eles já recebem uma carta de apresentação da faculdade, não há motivo para exigirem outra. Contudo, mesmo assim o fazem.

Ademais, foi grande o número de graduandos que publicaram *posts* relatando que os gestores ficavam pouco tempo nas escolas e que viajavam bastante, não deixando nenhum funcionário responsável por sua função. Pode-se, também, questionar o fato de uma escola ficar sem um gestor durante mais de dez dias. Às vezes, uma viagem pode ser necessária por questões profissionais ou até mesmo pessoais. Todavia, é indispensável encontrar um funcionário na escola que possa assumir as funções de gestão durante a ausência do diretor. Uma instituição de Educação Básica não pode ficar sem gestor por vários dias.

Outra situação recorrente na página do Facebook envolveu a recusa dos diretores assinarem o Termo de Compromisso de Estágio com a informação de que não assinariam o documento porque eles não o conheciam. Isso explica alguns *posts* que demonstravam total preocupação dos alunos em relação à possibilidade de conseguir ou não vaga de estágio. Alguns alunos também mandavam mensagem *inbox* pedindo ajuda, solicitando dicas de escolas que aceitavam os estagiários de forma tranquila e respeitosa.

Foi em função de todas as dificuldades elencadas anteriormente que surgiu a ideia dos alunos veteranos postarem no perfil do Facebook uma lista com os nomes das escolas que recebiam de forma tranquila e respeitosa os futuros professores. A docente universitária que cuidava dos estágios publicara um *post* pedindo ajuda e, minutos depois, começaram a ser visualizados vários comentários com as indicações das escolas. A ajuda veio instantaneamente. Minutos depois, uma longa lista de escolas públicas e privadas passou a se formar depois do *post*.

É evidente que muitas informações e dúvidas poderiam ser solucionadas em sala de aula, mas levando-se em consideração que, na instituição de Ensino Superior na qual a aluna estuda, só há uma aula semanal da disciplina pedagógica que supervisiona o Estágio Curricular Supervisionado, a utilização do Facebook fazia com que os alunos tirassem suas dúvidas de forma muito mais rápida. Além disso, sobrava mais tempo na aula para a reflexão acerca das questões práticas do estágio, não se perdendo, assim, tempo com situações puramente burocráticas como essa. O Facebook funcionou como uma nova ferramenta pedagógica que facilitou o processo de formação docente (PEÑA; MASINI, 2010).

Para Lévy (1999), é hora de considerar que os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes disciplinares quanto suas competências pedagógicas. Nesse sentido, a principal função do professor não pode ser mais a difusão dos conhecimentos que agora é feita de maneira mais eficaz por outros meios, como por meio das redes sociais.

Talvez também por isso, naturalmente, os alunos passaram a publicar *posts* culturais no perfil. Um grande número de estagiários publicava dicas de filmes que tinham relação com a área da educação, ou seja, os alunos passaram a postar no Facebook *links* com dicas de filmes e documentários que surgiam nas discussões em sala de aula em função de algum assunto que vinha à tona por causa das experiências vivenciadas nas escolas de Educação Básica. Naturalmente, os alunos passaram a ser protagonistas da própria formação, indivíduos autônomos que publicavam coletivamente informações relevantes e, muitas vezes, inspiradoras:

Da mesma forma que imagens e mapas auxiliam no processo de ensinar e aprender, os vídeos também podem facilitar bastante esse processo, contextualizando situações de modo prático e dinâmico. Os vídeos são capazes de expressar aspectos culturais, como linguagem, valores e espaços de forma variada e atraente, aproximando conteúdos do universo dos alunos. De modo bem direcionado e trabalhado, os vídeos podem acelerar o processo de ensinar e aprender (CARVALHO, 2010, p. 40).

Os futuros professores também passaram a postar fotos e vídeos que poderiam gerar ótimas reflexões nos bancos universitários e dicas de materiais que poderiam ser usados com outras turmas de Licenciatura.

Os papéis de professor e alunos, então, misturaram-se e os próprios discentes passaram a ajudar a pesquisadora e docente a montar as suas aulas dos próximos semestres oferecendo ótimas sugestões de materiais (MORAN, 2000). O Facebook transformou, dessa forma, o universo do processo de ensino-aprendizagem:

Os suportes das TICs estruturam uma nova ecologia cognitiva nas sociedades da atualidade. Chamo a atenção para o fato de que se instauram nessa nova configuração de cultura aprendizagens permanentes e personalizadas de navegação em que a orientação dos estudantes e professores passa a ser dirigida para um espaço do saber flutuante e destotalizado. As aprendizagens cooperativas e a inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais favorecem uma desregulamentação parcial dos modos de reconhecimento dos saberes hierarquizados, promovendo um gerenciamento dinâmico das competências em tempo real. Nesse sentido, esses processos sociais atualizam a nova relação com o saber (SETTON, 2010, p. 104).

É a partir desse saber flutuante e destotalizado que cada vez mais os alunos postavam relatos sobre os estágios. Além disso, eles passaram a publicar materiais que não podiam ser publicados nos relatórios que eram entregues apenas em formato .docx.

Em uma das instituições formadoras, por exemplo, o setor, que recebe e arquiva, ao final dos semestres, os relatórios de estágio, solicita que os alunos não anexem, em seus relatórios, informações escaneadas que possam deixar os relatórios muito pesados. Assim, era recorrente a reclamação de que os alunos não tinham a chance de anexar provas, atividades, fotos e imagens relacionadas ao estágio. O setor criava esse impedimento para que todos os relatórios de uma mesma turma fossem gravados apenas em um único CD, gravação esta executada pela própria docente que supervisiona os estágios.

No Facebook, este problema não existia. Foi, então, que os discentes passaram a publicar fotos e vídeos de momentos vivenciados ao longo do Estágio Curricular Supervisionado. Tais materiais enriqueceram de forma intensa as discussões em sala de aula na universidade:

A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado (KENSHI, 2007, p. 45).

A partir de então, semanalmente, havia *posts* por meio dos quais era possível visualizar alunos da Educação Básica trabalhando em sala de aula, ensaiando para apresentações teatrais e produzindo trabalhos que seriam expostos nas feiras escolares.

Em um dos *posts* desse tipo, por exemplo, uma estagiária quis retratar a

apresentação teatral da peça *Deu a louca nos contos de fadas*, dramatizada por alunas do 6º. ano do Ensino Fundamental II. Depois de acompanhar e auxiliar nos ensaios, que ocorriam durante as aulas de Língua Portuguesa, a futura professora fez questão de documentar o final do processo para todos os seus colegas de turma por meio do Facebook.

Outra aluna, com o mesmo objetivo de documentar o processo final de um trabalho interdisciplinar que iniciou com uma pesquisa na aula de Língua Portuguesa, fotografou a escola toda no dia em que pôde participar, junto dos alunos, da preparação das salas para a Festa das Nações que aconteceria no dia seguinte.

Também houve a publicação de relatos de várias escolas que utilizavam, em vez do tradicional barulho do sinal que indica o final de uma aula e o começo de outra, uma música, prática esta muito relaxante e divertida. No segundo semestre de 2013, uma aluna chegou a postar para os colegas informações sobre o Programa Residência Educacional, que acabara de ser criado.

Paralelamente, entretanto, continuavam a aparecer relatos de experiências negativas ou problemas que afetavam o bom andamento das aulas. A falta de material, por exemplo, era muito recorrente, mesmo em meses do segundo semestre do ano letivo. Dois relatos, especificamente, chamaram a atenção de muitos alunos.

Por meio de um, concluía-se que, infelizmente, os professores preparam a aula utilizando apenas o material didático que é feito para o aluno. Como não há material, não há aula preparada. Já em um segundo relato, há um alento quando se entra em contato com a informação de que a professora da determinada escola tinha o cuidado de criar um sistema para que todos os seus alunos pudessem ter acesso aos livros didáticos de Língua Portuguesa ao longo do ano letivo.

Eram comuns, também, fotos demonstrando que a infraestrutura das escolas, principalmente das públicas, não estava de acordo com o que os alunos merecem. Grades eram frequentemente fotografadas nos ambientes escolares.

Da mesma forma que nos relatórios impressos, continuavam os relatos de falas de professores que desestimulavam os estagiários.

Estava conversando com a professora de gramática do meu estágio, contando o porquê de eu estar fazendo Letras e como gosto de ouvir sobre a Montessori e tudo mais. De repente, ela me interrompe e diz:
– Olha... Tudo isso é muito bonito, toda essa teoria, Paulo Freire e tudo mais. Mas, sem querer lhe desanimar, quando você terminar a faculdade, vai achar que pode tudo, mas são coisas impossíveis de serem aplicadas. Você não consegue. Chega na hora da prática, é outra história. Aquele aluno ali – apontando para um menino – não rende nem indo pelo amor, nem pela dor. Só está aqui porque tem alguém bancando.

[Curtir](#) · [Comentar](#)

 12

Fig. 1 Postagem que comprova como os alunos recebem palavras de total desestímulo de muitos professores da Educação Básica.

Além de não conseguir utilizar sabiamente pensamentos, teorias e práticas de educadores, que há anos tratam da educação com grande respeito e profundidade, a docente desestimula a aluna, garantindo que ela também não conseguirá aplicar os conceitos vistos nos bancos universitários nas futuras aulas que ministrará. E as palavras negativas só se repetiam:

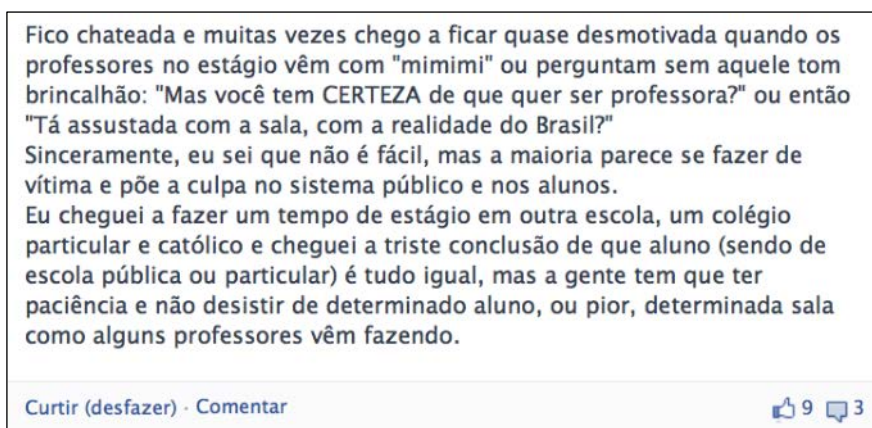


Fig. 2 Postagem que comprova como os alunos recebem palavras de total desestímulo de muitos professores da Educação Básica.

No caso, acima, entretanto, diferentemente do relato anterior, já é possível perceber um tom de que a mudança é possível, de que a educação pode, sim, melhorar, pois o aluno que relata sua experiência fala da importância dos docentes serem profissionais pacientes e determinados no ambiente escolar, insistindo, assim, em práticas que possam, verdadeiramente, fazer a diferença na vida dos alunos.

Isso leva, então, à comprovação de que os alunos passaram, com o tempo e por meio de um processo de amadurecimento acadêmico e científico, a fazer relatos muito mais reflexivos com o transcorrer do semestre, como mostra o exemplo a seguir, no qual a aluna avalia a didática e a metodologia de ensino do professor observado:

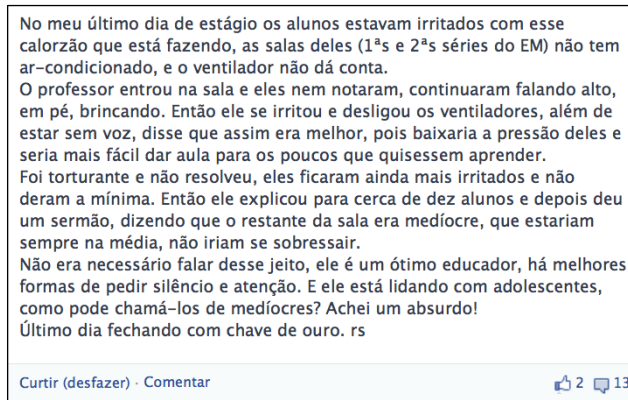


Fig. 3 Postagem na qual uma estagiária analisa a prática pedagógica do professor observado, explicando que o docente tem boa metodologia de ensino, mas que peca em sua didática diária.

Naturalmente, no início do semestre, a maior parte dos relatos trazia práticas pedagógicas insatisfatórias ou sentimentos ruins frente ao estágio. Depois, por meio das trocas de ideias entre o professor e os alunos e entre os próprios alunos, um tom mais leve tomou conta do perfil criado no Facebook.

Na verdade, aos poucos, os educandos perceberam que eles não estavam mais fazendo relatos para que estes apenas fossem lidos pelo professor e que eles poderiam escrever verdadeiramente pelo que passavam. A proposta ganhou, portanto, mais relevância na medida em que os alunos abandonaram a velha ideia de que os textos só seriam lidos pelo professor e de que eles deveriam escrever apenas o que o professor gostaria de ler:

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor, a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota). Mais precisamente, fará a redação com base na imagem que cria do “gosto” e da visão de língua do professor (BRITO, 2011, p. 120).

Os textos deixaram de ser feitos só para a atribuição de uma nota e ganharam um caráter público, tornaram-se coletivos. O Facebook passou a representar um diário coletivo das experiências, das angústias, das dúvidas, mas, também, das possíveis soluções para os problemas apresentados. Todos os colegas viam o que os outros escreviam e comentavam (PEÑA; ALLEGRETTI, 2012).

É importante ressaltar que a responsabilidade sobre o ato da escrita aumentou,

assim como ampliou-se também a responsabilidade do professor que orientou essa nova experiência. O Facebook não poderia transformar-se, por exemplo, em um ambiente de apenas reclamações. Buscavam-se, primordialmente, soluções para os problemas apresentados.

É por isso, também, que relatos sobre experiências positivas e estimulantes passaram a ser descritos no Facebook. Um tom de esperança imperava, assim, da metade do semestre em diante. Seguem alguns exemplos:

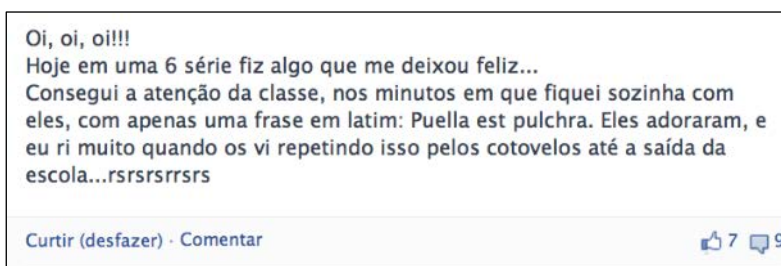


Fig. 4 Postagem na qual uma aluna narra um situação engraçada pela qual passou durante o estágio.

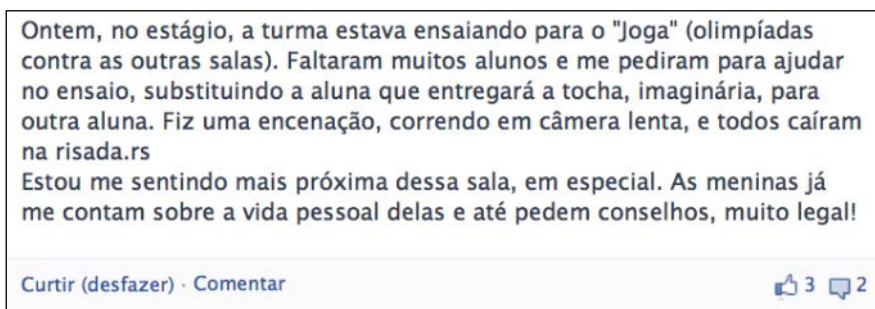


Fig. 5 Postagem na qual uma aluna descreve que se sentia mais próxima dos alunos com o passar das aulas assistidas ao longo do Estágio Curricular Supervisionado.

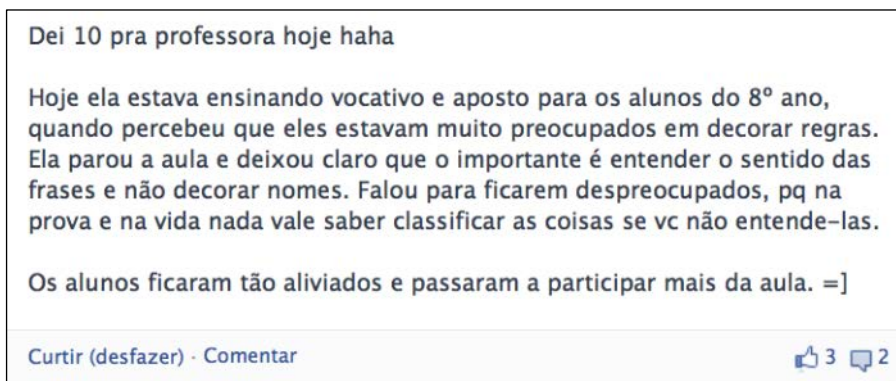


Fig. 6 Postagem em que uma estagiária narra uma prática pedagógica satisfatória na aula de gramática

de Língua Portuguesa.

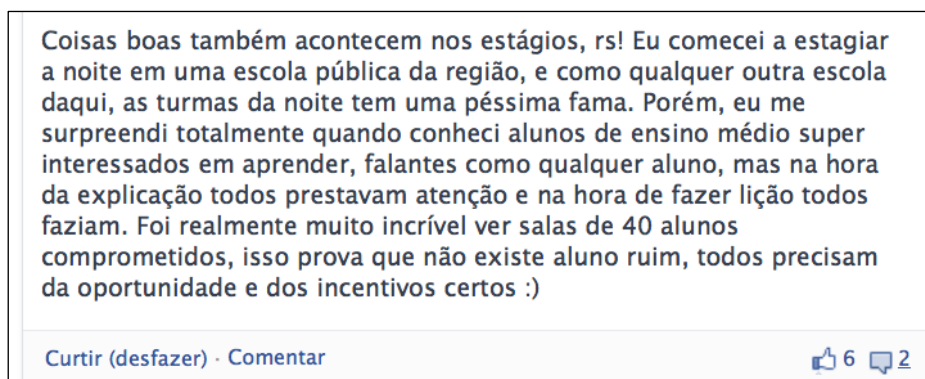


Fig. 7 Postagem na qual uma estagiária descreve sua experiência de estágio, ressaltando que ficara espantada com um retorno tão positivo dado pelos alunos diante de oportunidades e incentivos.

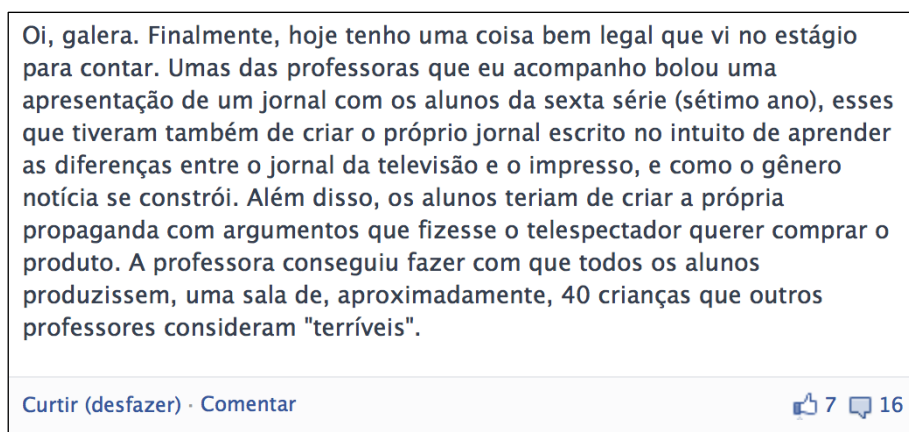


Fig. 8 Postagem na qual uma estagiária narra como uma professora executou de forma satisfatória uma proposta que buscava trabalhar com os gêneros notícia e anúncio publicitário.

Destaque deve ser dado, ainda, a um relato por meio do qual o estagiário explica que, ao final do processo de observação das aulas, a professora que o acompanhara na escola de Educação Básica solicitara um relatório feito por ele mesmo, analisando a prática pedagógica da docente:

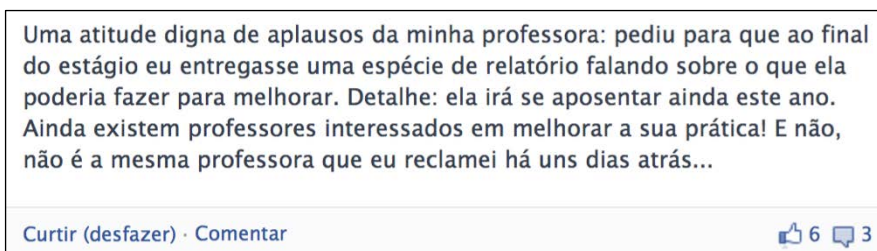


Fig. 9 Postagem na qual o estagiário expõe que ainda existem no mercado professores preocupados em melhorar sua prática pedagógica.

Além disso, ao término dos estágios, muitos alunos diziam que acabavam ficando emocionados ao saber que não veriam mais os rostos daqueles determinados alunos:

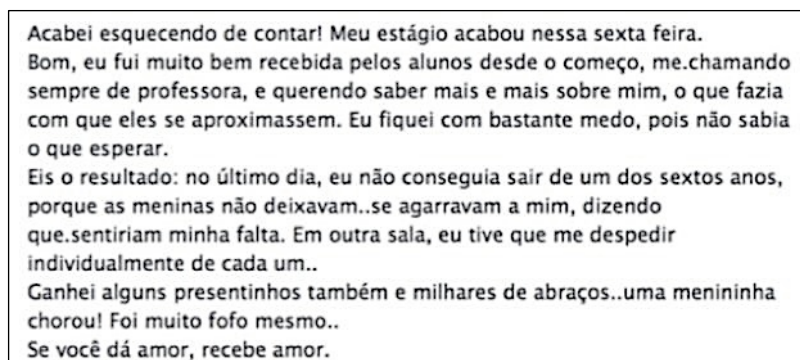


Fig. 10 Postagem na qual a universitária relata o final do seu Estágio Curricular Supervisionado.

Por meio desses relatos, nota-se, portanto, que os alunos passaram a produzir o próprio conhecimento (FREIRE, 1996) e os relatos não estavam mais baseados em simples observações das aulas assistidas. Havia a partir de agora análises mais sólidas do ambiente educacional da Educação Básica, além de uma vontade grande de mudar o que não estava satisfatório e adequado:

Acabei meu estágio na segunda, mas só consegui pegar a assinatura da diretora hoje.
Sendo assim, conclui o meu estágio supervisionado de vez! Não consigo esconder minha felicidade por ter cumprido essa parte da licenciatura!
O que posso dizer depois de 5 semestres estagiando:
Por mais que tenha sido difícil em alguns momentos, muito chato em outros e desesperador SEMPRE, não dá pra falar que eu não aprendi nada.
Graças ao estágio pude enxergar o outro lado da educação. Pude ver os lados bons e ruins, as coisas boas que merecem ser valorizadas e coisas ruins que necessitam ser corrigidas.
Neste semestre principalmente, pois fui a uma escola pública que está em uma situação TRISTE, eu percebi que o professor não se valoriza e não se permite inovar, ensinar e amar a profissão. É muito chato assistir aula com uma professora que diz que só não mudou de profissão porque não sabe fazer mais nada da vida. É muito chato ver que os alunos não querem aprender.
Mas semestre passado, em outra escola (esta particular), eu fiquei encantada com tudo o que eu vi. Eu vi amor pelos alunos, pelo ensino, pela profissão. E não é porque era uma escola particular e outra pública, pois quando se ama o que faz e a vontade de mudar a vida daqueles cotonetes e seres peludos fala mais alto não há obstáculo no caminho, porque esse amor vence tudo.
Por fim, termino o estágio com esperança de que as coisas ruins vão mudar, que os futuros professores farão a diferença para mudar tudo o que está ruim hoje e de que a educação e os professores precisam SIM ser valorizados por todos! :)))

Fig. 11 Postagem na qual uma estagiária analisa com criticidade os estágios pelos quais passou.

De forma geral, o relato acima retrata como a maior parte dos alunos chega ao final do estágio depois de passarem o semestre dividindo quase que diariamente experiências no Facebook: realistas, mas esperançosos. Eles detectam problemas, questões difíceis de serem solucionadas no dia a dia escolar, mas não perdem a vontade de fazer algo diferente por aquela árdua realidade (FREIRE, 2005). Assim, eles fazem várias reflexões ao longo de todo o estágio:

Nesta perspectiva, a reflexão didática parte do compromisso com a transformação social, com a busca de práticas pedagógicas que tornem o ensino eficiente (não se deve ter medo da palavra) para a maioria da população. Ensaia. Analisa. Experimenta. Rompe com uma prática profissional individualista (CANDAU, 1996, p. 20).

Entretanto, se só houvesse o relatório escrito impresso, prática que ocorre na maioria das instituições de ensino que possuem cursos de Licenciatura, parte desse processo de reflexão, todo aqui relatado, não teria se efetivado. Ao se comparar trechos sobre a mesma temática dos relatórios impressos e trechos postados no Facebook, pode-se verificar a diferença:

ASSUNTO	RELATÓRIOS IMPRESSOS	POSTS NO FACEBOOK
Dificuldade para se conseguir vaga de estágio	<i>“Depois de grande dificuldade para conseguir uma vaga de estágio, comecei a observar as aulas de Língua Portuguesa da Profª X nos 6º e 7º anos do Fundamental II.”</i>	<i>“Comecei hoje meu estágio, mas preciso desabafar... rs... Estou inconformada com o descaso das escolas com a minha e a formação dos meus colegas. Parece que ninguém quer receber estagiários. Tive que ir a 5 escolas pra conseguir uma vaga e em algumas as secretárias diziam que não havia mais vagas sem olharem na minha cara =(</i> <i>Como pode isso, gente?”</i>
COMENTÁRIO DA PESQUISADORA	A aluna informa que foi muito difícil conseguir uma vaga de estágio e inicia o relato de observação das aulas.	A aluna informa que foi muito difícil conseguir uma vaga de estágio, divide isso com os colegas, afirma que está com a impressão de que as escolas de Educação Básica não querem receber estagiários e de que o tratamento dado aos graduandos não é amigável. Por fim, questiona como isso é possível.

Fig. 12 Quadro comparativo 1.

ASSUNTO	RELATÓRIOS IMPRESSOS	POSTS NO FACEBOOK
Assinatura do Termo de Compromisso de Estágio	<i>“Infelizmente, fui muito mal recebida na escola em que o diretor, depois de horas, aceitou assinar o Termo de Compromisso de Estágio, mas, de qualquer forma, iniciei meu estágio logo depois de assinado o TCE.”</i>	<i>“Alguém tá tendo dificuldade pra conseguir a assinatura do TCE? Gente, não estou brincando... Hoje, um diretor chegou a dizer na minha cara que aquilo só existia na minha universidade e que nós é que estávamos inventando aquele documento para depois comprometer a escola. Agora eu pergunto: comprometer a escola em que se eles nem querem me aceitar? Tô quase desistindo da Licenciatura. Desculpe, prô, mas tá difícil!”</i>
COMENTÁRIO DA PESQUISADORA	A aluna informa que foi mal recebida na instituição escolar em que faria estágio, que o gestor só aceitou assinar o Termo de	O aluno pergunta aos colegas se alguém também está tendo a mesma dificuldade para conseguir a assinatura do Termo de Compromisso de Estágio, demonstra insatisfação ao narrar que,

	<p>Compromisso depois de horas, mas que, pelo menos, conseguiu iniciar seu estágio logo que o TCE fora assinado.</p>	<p>naquele dia, um diretor dissera que o Termo de Compromisso era um documento criado apenas pela universidade na qual estuda o graduando e explica, ainda, que o gestor o acusara de, futuramente, poder usar aquele documento para comprometer a escola. Antes de terminar o relato, o estagiário diz que está quase desistindo da Licenciatura e pede desculpas para a professora pela possível desistência, mas explica que a situação é muito difícil.</p>
--	--	---

Fig. 13 Quadro comparativo 2.

ASSUNTO	RELATÓRIOS IMPRESSOS	POSTS NO FACEBOOK
<p>Situação em que alguns professores não aceitam estagiários em suas aulas</p>	<p><i>“Embora tenha conseguido a vaga de estágio, logo na primeira aula, me senti um pouco desconfortável porque a professora deixou claro para mim que a minha presença não era bem vinda.”</i></p>	<p><i>“Dureza! Devo confessar que não será fácil fazer estágio com um professor que me disse que só havia me aceitado porque era obrigado a aceitar estagiários naquela escola. Será que esse professor nunca foi estagiário? Ele esqueceu que também já passou por isso? Quando eu for receber os meus estagiários, os receberei bem porque me lembrarei do péssimo tratamento que recebi #revoltado.”</i></p>
<p>COMENTÁRIO DA PESQUISADORA</p>	<p>O aluno informa que desde o início do estágio percebera que a sua presença não era bem aceita pela docente que seria observada pelo estagiário.</p>	<p>O aluno informa que desde o início do estágio percebera que a sua presença não era bem aceita pelo docente que seria observado pelo estagiário, questiona se o professor nunca fora estagiário ou se ele esqueceu-se dessa fase e ainda termina com a afirmação de que, quando se tornar professor e tiver estagiário, irá recebê-los de uma forma muito mais agradável e amigável. Ao final do <i>post</i>, o graduando deixa claro que está revoltado com a postura do docente que é observado por ele.</p>

Fig. 14 Quadro comparativo 3.

ASSUNTO	RELATÓRIOS IMPRESSOS	POSTS NO FACEBOOK
Comentários sobre o tom de voz usado pelos professores	<i>“Infelizmente, tenho de iniciar meu relato tratando do tom de voz usado pela professora observada. A professora X tem um tom de voz muito elevado, fato que transforma a atmosfera da sala de aula em um ambiente muito desconfortável.”</i>	<i>“Acabo de chegar do meu primeiro dia de estágio e eu não podia dormir sem antes deixar aqui relatado o meu espanto com a professora que estou observando. Saí da escola com dó dos alunos e com dor de cabeça. A professora grita muito! E não estou exagerando. E o pior é que quanto mais alto ela fala, mais os alunos ficam irritados... mais eles falam alto... É um ciclo sem fim. O mais interessante é que em um determinado momento ela me perguntou uma dúvida de um aluno que ela não sabia responder e quando eu fui explicar para a turma, todos ouviram sem gritar. Logo, a professora falou: ‘Eles só vão te respeitar hoje. Amanhã, você vai ver... Vão estar gritando com você também’. Pra que me desestimular assim?”</i>
COMENTÁRIO DA PESQUISADORA	A aluna trata do tom de voz usado pela docente observada e explica que acha que o tom é elevado demais e que ele acaba transformando o ambiente da sala de aula em um local desconfortável.	A aluna trata do tom de voz usado pela docente observada e explica que acha que o tom é elevado demais e que ele acaba transformando o ambiente da sala de aula em um local desconfortável. Termina o relato, narrando uma situação de uma das aulas observadas em que explicou oralmente uma questão para a turma e que foi desestimulada pela docente observada. Por fim, questiona qual foi o objetivo da docente com tal prática.

Fig. 15 Quadro comparativo 4.

ASSUNTO	RELATÓRIOS IMPRESSOS	POSTS NO FACEBOOK
Metodologia utilizada nas aulas de leitura, compreensão	<i>“Nas aulas de leitura, interpretação e compreensão de textos, lamentavelmente, a</i>	<i>“Estou perto de terminar o meu estágio e hoje resolvi postar aqui um comentário que talvez explique porque o Brasil sempre fica nas últimas colocações</i>

<p>interpretação de textos</p>	<p><i>professora usava sempre a mesma metodologia: pedia para que os alunos fizessem a leitura silenciosa do texto, solicitava que eles respondessem às questões do livro didático e, na aula seguinte, pedia para que uma aluna com letra considerada 'bonita' colocasse o gabarito das questões na lousa."</i></p>	<p><i>nessas provas internacionais. A professora observada em meu estágio sequer lê com os alunos o texto a ser estudado. Acho isso uma prova de total descaso! Percebi que quando eles têm a chance de falar o que pensam, o que entenderam depois da leitura de um texto, quando raramente isso acontece, todos levantam a mão... Confesso que às vezes até há uma certa bagunça nessas situações. Mas nem ler o texto com eles? Não dá! A minha professora faz a chamada, manda ler o texto... Diz que quer silêncio e como lição de casa pede as questões do livro. E na aula seguinte? Nem faz a correção. Dá pra acreditar? Preguiça de ler! Só pode ser! Essa é a escola brasileira..."</i></p>
<p>COMENTÁRIO DA PESQUISADORA</p>	<p>A aluna descreve, com insatisfação, a metodologia repetitiva de uma professora nas aulas de leitura, compreensão e interpretação de textos.</p>	<p>A aluna descreve, com indignação, a ausência de metodologia de uma professora nas aulas de leitura, compreensão e interpretação de textos. Comenta que os alunos gostam de participar das aulas, mas que, raramente, têm chance de fazê-lo. Por fim, procura causas para o fato de a docente nem ler o texto em voz alta com os alunos e julga ser simplesmente preguiça.</p>

Fig. 16 Quadro comparativo 5.

Os relatórios impressos são mais descritivos e menos reflexivos. A impressão que se tem é que o papel é limitador e que, muitas vezes, por diversas questões já aqui levantadas, o aluno filtra grande parte das informações que possui. Os relatos no Facebook, por sua vez, eram francos e questionadores.

Dessa forma, constata-se que quando bem orientados, os estagiários podem, sim, aproveitar o estágio de forma bem intensa: “Assim, o supervisor/orientador de estágio será encarado como o promotor de estratégias que irão desenvolver nos futuros professores o desejo de refletirem e, através da reflexão, a vontade de se desenvolverem em continuum” (ALARCÃO, 2010, p. 91).

Na prática, o que ocorreu foi que as discussões e interações na página do Facebook foram levadas para o contexto educacional universitário e, depois de um tempo, as reflexões virtuais tomaram as aulas presenciais. O Facebook, portanto,

provocou debates e discussões profundas e auxiliou no processo de entendimento de diferentes visões sobre um mesmo tema, percurso orientado de perto pela docente que ministrava as disciplinas que faziam a supervisão do Estágio Curricular Supervisionado (PEÑA; MASINI, 2010).

Houve, assim, a criação de um ciberespaço, de um “hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante” (LEMOS, 2002, p. 131); de um “ambiente de circulação de discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo de conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando a coletivização dos saberes” (idem, ibidem, p. 145).

Ademais, os relatos de um semestre serviam como estímulos para os alunos que iniciavam os estágios no curso de Licenciatura. Muitos agradeciam pelos relatos anteriores, pelas dicas de escolas que recebiam bem os universitários e pelas práticas pedagógicas que inspiravam. Diante de todas essas possibilidades, mais uma vez, afirma-se que o docente tem um papel importante no processo de ensino-aprendizagem:

O professor poderá redimensionar sua autoria, modificando a base comunicacional potencializada pelas tecnologias digitais. Precisarão modificar o modelo centrado no falar-ditar do mestre, passando a disponibilizar ao aprendiz autoria em meio a conteúdos de aprendizagem o mais variados possível, em vídeo, imagem, som, textos, gráficos, facilitando permutas, agregações, associações, novas formulações e modificações na tela do computador online (FREIRE, 2008, p. 82).

Apesar de todas as dificuldades vivenciadas durante o estágio, o professor/supervisor do Estágio Curricular Supervisionado pode transformar, por meio de estratégias múltiplas, os obstáculos em estímulos. O docente universitário, quando consciente e envolvido com sua tarefa, pode fazer brotar no futuro professor a vontade de mudar, de melhorar o que não está bom na área educacional.

Embora a internet e as redes sociais propiciem um ambiente de aprendizado mais livre, no qual o ritmo individual de aprendizado é mais respeitado, o papel do professor como mediador, como guia, como facilitador, continua sendo insubstituível (FREIRE, 2011). Da mesma forma, o comprometimento docente mantém-se essencial no ambiente escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Curricular Supervisionado, obrigatoriedade legal que institui que todos os alunos dos cursos de formação de professores têm de cumprir horas de estágio para a obtenção do diploma de Licenciatura, há anos tem sido alvo de muitas discussões no ambiente acadêmico.

Muitos educadores julgam que só por meio dos estágios os futuros professores podem adquirir uma formação plena e útil para a vida profissional. Outros educadores acreditam que o objetivo dos estágios perdeu-se na medida em que é cada vez maior o número de graduandos que mais se depara com práticas pedagógicas inadequadas e ineficazes do que adequadas e satisfatórias.

Na verdade, talvez, muito se tenha discutido e pouco se tenha feito verdadeiramente pela formação de professores no Brasil. Foi a partir desse dilema que surgiu o caminho a ser pesquisado por esta tese. Embora o Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução CNE/CP nº 01, de 18 de fevereiro de 2002, no §3º do Art. 13, estabeleça que o Estágio Curricular Supervisionado deve se realizar em escola de Educação Básica, que um regime de colaboração entre os sistemas de ensino deve ocorrer e que todo o processo deve ser avaliado conjuntamente pela instituição superior formadora e pela escola na qual se concretiza o estágio, por meio da análise de 436 relatórios de estágio, de duas renomadas instituições de Ensino Superior da cidade de São Paulo, constatou-se que não é isso que ocorre na prática e foi possível detectar uma realidade extremamente negativa em relação à formação de professores no maior centro econômico e cultural do Brasil.

De forma geral, não há um regime de colaboração entre as universidades formadoras e as escolas de Educação Básica que recebem os graduandos. Além disso, o estágio não é avaliado conjuntamente pelas instituições envolvidas. Isso mostra que não basta existir inúmeros documentos legais se a realidade está muito longe de corresponder ao que está instituído nos documentos. Desponta, então, a inquietante constatação de que nem sempre os estágios ocorrem de maneira proveitosa para a formação docente.

Em primeiro lugar, os alunos universitários têm grande dificuldade para conseguir uma escola para estagiar. Infelizmente, além de serem muito mal recebidos pela maioria dos secretários, professores, coordenadores e diretores, eles recebem várias negativas de estágio, às vezes, três, quatro, cinco negativas, antes de conseguir uma vaga, sendo que o mais controverso disso tudo é o fato de professores, coordenadores e diretores, que um dia já foram estagiários, recusarem oferecer uma contribuição para a formação de jovens que, muitas vezes, têm dentro de si a vontade de melhorar o quadro da educação brasileira.

Nesse contexto, são frequentes, ainda, frases desses mesmos funcionários que desestimulam os futuros professores, estimulando-os a sair da área, procurando um outro curso superior.

Em segundo lugar, os relatórios de estágio, que normalmente são entregues

impressos aos professores universitários que fazem a supervisão do estágio na instituição formadora, comprovam que, depois de conseguir a vaga com dificuldade, os estagiários observam uma grande quantidade de aulas que apresentam muito mais exemplos insatisfatórios do que satisfatórios de práticas docentes.

São descritos nos relatórios professores que solicitam que o estagiário ministre uma aula em seu lugar sem nenhum aviso prévio (porque naquele dia o docente não quer ministrar aulas); docentes que pedem que os graduandos corrijam atividades de produção de texto dos alunos da Educação Básica sem nem mesmo saber qual foi a proposta do professor ou ainda professores que utilizam palavras de baixo-calão com grande naturalidade, demonstrando total desrespeito pelos alunos e pelo ambiente.

Além de se sentirem intrusos nas salas de aula dos professores observados, já que a maioria dos docentes da Educação Básica não se preocupa com o estagiário e deixa claro que a sua presença não é bem vinda, os graduandos passam 700 horas observando práticas que transformam o ambiente escolar em algo maçante, cansativo e desestimulante, que, cada vez mais, afasta-se da realidade prática e midiática da qual fazem parte os jovens do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Embora surjam relatos de professores comprometidos, que preparam com cuidado suas aulas, que criam dinâmicas motivadoras para os adolescentes e que consigam bons resultados, impera a prática de não se preparar aula, de se repetir a mesma atividade durante várias aulas, de se passar uma aula inteira apenas passando matéria na lousa, de basicamente fazer os alunos decorarem longas listas de conteúdos gramaticais ou tabelas literárias.

A educação continua tradicional e repressora quando deveria ser libertadora (FREIRE, 2005). Questiona-se, então, qual seria o papel do Estágio Curricular Supervisionado na formação do profissional da área de Letras nos dias de hoje na medida em que a maioria dos estagiários sai com uma péssima impressão do dia a dia docente. A partir desse questionamento, percebeu-se que o docente universitário que acompanha os estagiários tem de desenvolver um trabalho muito bem feito para que toda essa difícil situação não faça com que os alunos dos cursos de Licenciatura, que já não são muitos, desistam da profissão docente.

Além disso, é necessário acabar com a falsa ideia de que no curso de Letras, por exemplo, as disciplinas de língua e literatura são mais importantes do que as pedagógicas. Todas devem estar em um mesmo patamar. Ter domínio de todos os conteúdos de língua e literatura, se é que isso é possível, não garante uma boa aula. Conteúdo tem de ser somado à didática, à metodologia e ao comprometimento com a docência.

Os próprios relatórios de estágio - que foram estudados cuidadosamente no segundo capítulo desta tese e que são entregues ao professor universitário que ministra a disciplina que supervisiona o estágio - são alvos de críticas por parte dos graduandos, pois eles, normalmente, são lidos apenas pelo professor ao término do período letivo. Assim, frequentemente, as reflexões que surgem a partir das aulas assistidas no Ensino Fundamental II ou no Ensino Médio ficam apenas entre a escrita

do aluno e a leitura do relatório por parte do professor.

É imprescindível destacar que o docente que supervisiona o Estágio Curricular Supervisionado pode solicitar, em sala de aula, uma troca de experiências entre os colegas, mas, levando-se em consideração a quantidade média de alunos por turma, 30 graduandos, tal prática torna-se difícil. Em um mundo tão colaborativo como o de hoje, pouco se consegue com um material que é lido apenas por uma única pessoa. Uma mudança é necessária. Sabe-se que em algumas instituições de ensino esse número pode chegar a cem alunos. Aqui não se considerou essa quantidade de discentes por julgar ser uma farsa uma disciplina prática com tantos graduandos.

O mais curioso é que, naturalmente, como 1h30min de aula por semana e os relatórios em papel não davam conta de funcionarem como espaço de troca e de reflexão de informações sobre as aulas da Educação Básica observadas, os graduandos passaram a usar a página pessoal da professora (no Facebook) que supervisionava o estágio para contar as experiências que mais geravam inquietações.

Com o tempo, os universitários também passaram a utilizar a página pessoal para tirar dúvidas sobre o estágio, para oferecer dicas aos colegas de escolas públicas e privadas que bem recebiam os futuros professores. Assim, a docente que ministrava a disciplina que supervisionava o Estágio Curricular Supervisionado aprendeu, com os alunos, a usar a rede social como uma ferramenta didático-metodológica. Os papéis de professor e alunos misturaram-se e os próprios discentes passaram a ajudar a pesquisadora a buscar novos caminhos para melhorar o processo de formação docente (FREIRE, 1996). Embora muitos professores digam que os alunos só usem o Facebook para reclamar das aulas e dos professores, os educandos também compartilham materiais e informações e elogiam aulas e professores (PEÑA; ALLEGRETTI, 2012).

Foi a partir dessa prática natural que surgiu a proposta de criar um mecanismo coletivo para facilitar a troca de informações entre os estagiários; para propiciar discussões; para permitir desabafos e questionamentos; para dividir boas e más experiências pedagógicas vivenciadas ao longo do cumprimento do Estágio Curricular Supervisionado (PEÑA; MASINI, 2010). Acompanhar os Estágios Curriculares Supervisionados por meio de uma rede social foi a opção.

Docentes malformados, pouco informados, sem entusiasmo e sem comprometimento usam ferramentas tecnológicas sem nenhum propósito evidente (FREIRE, 2011), situação que não caracteriza a experiência aqui descrita. A presente pesquisa trouxe, então, à tona, reflexões sobre o uso da Internet e das redes sociais no mundo moderno e no ambiente educacional dos cursos de formação docente (SACRISTÁN; PÉREZ, 1998).

Depois de criada a página, em 06 de agosto de 2012, os resultados vieram a cada dia. Logo de início um grande número de alunos passou a enviar postagens para o perfil com dúvidas, com sugestões de escolas, com pedidos de ajuda para conseguir vaga em alguma escola; para contar alguma experiência vivenciada nas escolas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio; para indicar aos outros graduandos dicas

culturais de filmes que tratavam do tema educação; para compartilhar vídeos e fotos, captados pelos celulares, também sobre o tema educação, prática que era impossível nos relatórios impressos. É o celular, tão temido nas salas de aulas de alguns professores, a favor do processo de aprendizagem colaborativa (PEÑA; MASINI, 2010).

Várias vozes estavam presentes ao mesmo tempo em um mesmo ambiente (PEÑA; ALLEGRETTI, 2012). Alunos de uma mesma sala e mesma disciplina ajudavam-se, mas ajudavam também alunos de semestres e de disciplinas diferentes. Veteranos ajudavam calouros. Calouros ajudavam veteranos. Surgia, portanto, um ambiente colaborativo.

É evidente que algumas dúvidas expressas nos *posts*, que eram enviados em tempo real durante as horas de estágio, poderiam ser solucionadas em sala de aula, mas levando-se em consideração que, normalmente, só há uma aula semanal da disciplina pedagógica que supervisiona o Estágio Curricular Supervisionado, a utilização do Facebook fazia com que os alunos tirassem suas dúvidas de forma muito mais rápida e dinâmica. Era a tecnologia móvel a favor do processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, sobrava mais tempo na aula para a reflexão acerca das questões práticas do estágio, não se perdendo, assim, tempo com situações, muitas vezes, puramente burocráticas.

O Facebook funcionou como uma nova ferramenta pedagógica que facilitou o processo de formação docente e o docente não perdeu sua importância, receio de muitos. Apenas é possível perceber que a principal função do professor, nos dias de hoje, na escola híbrida, não pode ser mais simplesmente a difusão dos conhecimentos, que agora é feita de maneira mais eficaz por outros meios, como por meio das redes sociais (PEÑA; MASINI, 2010).

Os alunos passaram, com o tempo e por meio de um processo de amadurecimento acadêmico e científico, a fazer relatos muito mais reflexivos com o transcorrer do semestre. Não que isso não ocorresse com os relatórios impressos. Mas é fundamental dizer que no Facebook esse processo deu-se de forma muito mais intensa, significativa e coletiva.

Os futuros professores passaram a produzir, coletivamente, o próprio conhecimento e os relatos não estavam mais baseados em simples observações das aulas assistidas, como ocorria de forma frequente nos relatórios impressos. Passara a existir, então, análises mais sólidas do ambiente educacional da Educação Básica, além de uma vontade grande de mudar o que não estava satisfatório e adequado (FREIRE, 1996).

Não se pode ignorar, é claro, que o Facebook não fará com que funcionários e secretários de escolas tratem bem os estagiários; não fará com que os diretores cumpram suas horas de trabalho nas escolas ou que assinem rapidamente, como deveria ser, o Termo de Compromisso de Estágio; não fará com que os atuais

professores preparem suas aulas; não fará com que os estagiários deixem de ser estimulados a largarem a carreira docente.

Entretanto, o Facebook serviu, no momento em que a proposta estava sendo testada, para formar professores que, espera-se, prepararão suas aulas, que bem receberão seus estagiários e que, se um dia migrarem para a área administrativa da escola, cumprirão suas horas de trabalho como gestores, assinarão, rapidamente, o Termo de Compromisso de Estágio e estimularão seus funcionários, secretários e coordenadores a bem receberem os estagiários que, no futuro, poderão ser colegas de trabalho.

Evidentemente, é importante ressaltar que o professor formador, diante de novas práticas de formação docente, deverá ter disponibilidade para acompanhar, por exemplo, as páginas criadas, comentar os *posts* dos alunos, responder a dúvidas e publicar conteúdos. Contudo, mais uma vez, percebe-se que tal prática não representa um tempo perdido na formação docente, mas, sim, um real exercício educacional, talvez, um novo modelo que dialoga com a contemporaneidade.

O Facebook funcionou como uma nova ferramenta pedagógica que facilitou o processo de formação docente. Sem sombra de dúvida, a tecnologia, quando bem utilizada, potencializa o caráter coletivo da aprendizagem. Todavia, não é ela que melhorará a qualidade da educação brasileira. Só o educador bem formado, criativo e comprometido pode fazer isso.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. (2010). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

ALVES, N. (2011). *Formação de professores: pensar e fazer*. 11. ed. São Paulo: Cortez, (Coleção questões da nossa época).

BRASIL. (2002). *Resolução CNE/CP nº. 01/2002*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, Brasília, 09 abr. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf. Acesso em 22 nov. 2011.

BRITTO, L. P. L. (2011). Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 3. ed. São Paulo: Ática.

CANDAU, V. M. (1996). *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes.

CARVALHO, F. C. A. de. (2010). *Tecnologias que educam: ensinar e aprender com tecnologias da informação e comunicação*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

FREIRE, P. (2008). *Educação e mudança*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra.

_____. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra.

_____. (2005). *Pedagogia do oprimido*. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. (2011). *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, W. (2008). *Tecnologia e educação: as mídias na prática docente*. Rio de Janeiro: Wak Ed..

KENSKI, V. M. (2007). *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 4. ed. Campinas: Papirus.

LEMOS, A. (2002). *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.

LÉVY, P. (1999). *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34.

MORAN, J. M. (2000). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus.

PEÑA, M. de L. D. J.; MASINI, E. F. S. (2010). *Aprendendo Significativamente: uma construção colaborativa em ambientes de ensino presencial e virtual*. São Paulo: Editora Vetor.

PEÑA, M. de L. D. J.; ALLEGRETTI, S. M. de M. (2012). *Escola Híbrida: aprendizes imersivos*. Revista Contemporaneidade Educação e Tecnologia, v. 01, n. 02. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/05/edutechi_puc20121.pdf. Acesso em: 02 dez. 2013.

SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. (1998). *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed.

SAVIANI, D. (2011). *Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas*. Poiesis Pedagógica, v. 09, nº. 1.

SETTON, M. da G. (2010). *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto.